

Fotos: KELVIN MELO



informado. Muita gente se surpreende como é que eles surgiram. É mais do que previsível, quando você joga uma partida de xadrez, se eles ameaçam seu rei você mexe o bispo, o cavalo ou a torre para proteger o rei. Quando a gente não faz esse movimento, o rei e a rainha ficam expostos. Perder a rainha é ruim, perder o rei acaba o jogo. Chama-se xeque-mate. Se a gente não percebeu qual era a lógica enxadrística que estava se desenvolvendo, a gente não poderia fazer o melhor movimento. A gente levou anos discutindo para saber se ficava ou não na CUT. Então, quando a gente faz um movimento de tentar construir novamente um projeto autônomo para o movimento sindical e popular através da Conlutas, na medida em que a gente não teve política para enfrentar o ProIFES, sofremos esse ataque. Esse ataque tem até um lado relativamente bom: o de conseguir juntar os combatentes para fazer esse processo de debate, só que nós o estamos travando em condições muito piores. O Congresso tomou uma decisão e nós vamos respeitar soberanamente esta decisão. Nenhuma solução que fosse colocada aqui resolveria o problema. Vai depender do que nós faremos daqui para frente. Não se reafirma o credo só por rezar a missa. O pastor tem que ir à praça, tem que conversar, tem que fazer política, senão você toma uma decisão meramente formal.

P- Tem sido afirmado que ProIFES hoje tem sustentação nas universidades federais. Isso tem alguma coisa a ver com a própria atuação do ANDES junto às bases? Haveria algum tipo de distanciamento?

R- Duas considerações: a primeira é a seguinte, uma direção sindical ou partidária não é a pura expressão do que a categoria pensa. Ela deve respeitar o que a categoria pensa, mas deve oferecer propostas à categoria. Se a função da direção não fosse importante, bastava mandar um office-boy para recolher os votos. A responsabilidade de um conjunto de companheiros que estão aqui é exatamente neste sentido, de pensar organicamente qual é a proposta que nós vamos fazer para que este debate seja mais rico, mais profícuo, dar uma orientação. A segunda consideração é a seguinte: há um descolamento por dois motivos.

Primeiro: mudou a base social das universidades. Hoje, um professor que chega está diante da seguinte circunstância, o salário está péssimo, então ele vai procurar possibilidades como uma assessoria, um convênio, etc. Aí o que é que ocorre. Ele vai aos meios institucionais, Capes, CNPq, etc. Faço referência a um artigo publicado na revista da ADUSP, onde Renato Janine Ribeiro diz o seguinte: se publicou tanto neste país, tanto, tanto, que hoje não dá nem para ler. Então, os órgãos que definem o financiamento, primeiro atrelaram os programas de pós-graduação a eles. Quer dizer, nós fazemos o que é determinado. Um projeto de filosofia crítica não vai ter apoio. Só vai ter apoio se for uma coisa estratosférica, mas não uma discussão sobre as grandes questões que afetam a soberania popular, ou de alternativas às formas políticas existentes. Há este mesmo atrelamento às fontes financiadoras do tipo Petrobrás, etc. A universidade como criadora de um projeto nacional, criadora de uma juventude com formação profissional crítica, que seja capaz de atender às necessidades da população, está morrendo. Ainda temos alguns intelectuais militantes que estão brigando, mas essa não é a tendência dominante. Então, na medida em que você define um padrão para os programas de pós, por exemplo, os programas com menores recursos aprendem o padrão e começam a contorná-lo no ritmo do jeitinho brasileiro. No ano seguinte, os que comandam as agências de fomento mudam, dado que a base da pirâmide aumenta e o pico fica cada vez menor. Então, você vai tendo uma descaracterização do que é a universidade. A partir daí se estabelece uma guerra de todos contra todos no sentido de pegar as poucas verbas que existem. E é esse processo que eu estou chamando de privatização por um lado e, por outro, o que o pessoal diz que é um descolamento. Nesse ponto não tem jeito. Você não pode estar colado com este tipo de professor que não quer você como representante. Portanto, digamos

que é um divórcio de parte a parte. Você querendo fazer um avanço político comprometido com a sociedade, e, ele parte para outra solução. Veja, não é uma condenação moral. Mas eu acho que isso não tem mais nada a ver com a universidade. Este é o problema. A universidade perdeu uma perspectiva política. Eu não digo que a universidade perdeu o seu público, pelo contrário, afirmo que ela encontrou o seu público. Agora estamos em pleno processo de atender à necessidade do 'mix'. Este é um projeto nacional de integração subordinada. A burguesia que mora no Brasil não é brasileira, não tem projetos de nação. Ela tem projetos de capitalismo. Nisso eles arrastam a população, destroem o sistema de saúde, etc., para criar as condições de acumulação capitalista.

P- Se o sindicato não se adapta à realidade para trazer a base para discussão, qual é a saída?

R- Não tem solução pronta. Temos que em conjunto com o movimento dos estudantes e técnico-administrativos ver quais são as mediações que podemos estabelecer

entre o nosso projeto utópico, nosso projeto valorativo e o projeto que está sendo implementado. Ver qual é a linguagem que possa nos aproximar. Não tem forma pronta, você tem que conversar, elaborar. Veja, se você vai se colocar a serviço de uma empresa ou do Estado, tem que ser qualificado. Se a gente quer uma universidade que forme uma força de trabalho que é capaz de traduzir a tecnologia e ser crítica ao mesmo tempo, então temos que descobrir esta fórmula. E para isso temos que conversar muito com as categorias. Não basta reafirmar nossas posições históricas, que considero corretíssimas, mas a ideologia só se faz história quando ela ganha as massas.

P- Por isso a defesa de se fazer um recuo estratégico na questão da representatividade das particulares pelo ANDES?

R- Foi apresentado aqui (no Congresso), no meu ponto de vista,

uma falsa polarização. Nós estamos diante das seguintes circunstâncias. O setor das particulares, na sua imensa maioria, já não tem a representação jurídica no sentido de o sindicato poder intervir como substituto processual, por exemplo. Os juízes alegam sempre a questão do registro sindical, mas não é só isso. O direito que muitos acham que é puramente formal, não o é. O que chamamos de 'Estado democrático de direito' é uma forma mais sofisticada de luta, porque apresenta uma generalidade que não é senão a particularidade de uma classe. Então, o que acontece é que eu considero correta a proposta que a gente estava defendendo. Essa proposta visava uma mediação: garantir aos companheiros das particulares a cidadania do ANDES. A idéia era, temos que achar uma forma de que os companheiros permaneçam com plenos direitos políticos e jurídicos dentro do sindicato. Uma das mediações possíveis seria criar uma forma jurídica na qual eles pudessem estar presentes conosco no debate político, na elaboração de políticas, embora formalmente a gente não os representasse no plano jurídico corporativo. Acho que isso mereceria um debate mais tranquilo. Era uma proposta para podermos travar em melhores condições a batalha política contra o intervencionismo estatal, por um lado, e o ProIFES, Contee, por outro. E só faríamos a modificação mediante a devolução formal do nosso registro arbitrariamente confiscado ao arripio da lei, como gostam de falar os liberais.

P- Não há risco de racha na diretoria do Sindicato Nacional?

R- Nós não estamos brincando de fazer sindicato. Não há o menor risco. Enfim, política é política, não vou sonhar e fingir que o real não existe. Agora o Congresso deliberou a manutenção da forma estatutária atual, a gente perdeu e vamos tocar o que foi deliberado, pois isso é a prática democrática. Eu disse na plenária: vamos ver o que se vai fazer daqui para frente. A plenária que discutiu o plano de lutas era para mim muito mais decisiva do que a anterior. Se você não caminhar, não faz história. Não basta que o general tenha a linha estratégica justa, se ele não souber dispor seus batalhões na guerra.

“ProIFES é inimigo e não adversário”